

A TEORIA DA EDUCAÇÃO IMPLICADA NA FILOSOFIA DE SPINOZA: POSSIBILIDADE OU DEVANEIO? QUEM SE AVENTURA?

JOSÉ EDINALDO GOMES GUIMARÃES *

INTRODUÇÃO

A filosofia de Benedictus de Spinoza (1632-1677) pode ser considerada uma obra clássica, tanto no sentido etimológico da palavra, como, também, por conter temas recorrentes, jamais saturados. Comentar os textos desse filósofo não é um empreendimento fácil, necessitando de um bom tempo de estudos e pesquisas. A obra spinozana por mais pensada, comentada e questionada que seja nos parece que nunca será exaurida. Este artigo está dividido em três partes: Na primeira, *A filosofia de Spinoza é para todos?*, aborda-se esta filosofia na perspectiva de uma ética que se observou capaz de ultrapassar as barreiras do tempo e de contemplar o homem moderno mesmo com toda a sua diversidade. A ética spinozana consiste em que o homem observe sua conduta no mundo e o estimule a buscar o Sumo Bem e como perseguir nesta empreitada a conquista da felicidade, isto é, de como viver bem. Em *“O Spinoza educador de Rabenort”*, faz-se uma breve análise dos principais pontos do texto de Willian Louis Rabenort (1870-1938) que, com seu livro *Spinoza como educador* (2016), conduz o leitor a perceber na vida e obra do mestre holandês uma teoria da educação que, embora não tenha sido escrita, é plenamente percebida e potencialmente possível de ser desenvolvida. Em *O “Homem spinozano”*, por fim, discute-se alguns pontos principais da teoria dos afetos de Spinoza: como o homem é afetado, quais as consequências dos afetos. O intuito deste artigo é a associar diversos estudiosos de Spinoza e

* Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Licenciado em Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Pós-graduado (especialização) em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Ateneu – FATE; professor da rede pública municipal de Fortaleza - CE, atualmente é mestrando do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail para contato: edinaldoguima60@gmail.com

apaixonados pela educação em torno dessa teoria implicada, mas que tem potencial para ser revelada. Aventure-se!

1 A FILOSOFIA DE SPINOZA É PARA TODOS?

“Eu não era mais o mesmo homem...” Foram com essas palavras que o personagem do livro *O homem de Kiev* descreveu sua experiência após ter lido Spinoza¹. O personagem da narrativa havia lido a *Ética*, demonstrada segundo a ordem geométrica (1677), o principal escrito do filósofo holandês Benedictus de Spinoza (1632 – 1667) uma obra que contempla vários temas da Filosofia, como ontologia, metafísica, epistemologia, ética e política. A *Ética* pode ser compreendida como filosofia de vida porque apresenta uma forma de como o homem conduz-se na existência e institui uma doutrina que colabora para que este possa compreender a si e aos outros dentro da totalidade da natureza. O sistema spinozano, constitui-se, sobretudo, uma ética da alegria, da felicidade e da liberdade. A filosofia de Spinoza – revolucionária ainda nos dias atuais – é um instrumento que se revelou fundamental para a compreensão do gênero humano; que se faz, também, pela colaboração de todos que seriamente estudaram, compreenderam e propagaram seu pensamento nestes mais de três séculos.

Spinoza não é apenas mais um filósofo. A potência de seu pensamento mede-se por sua capacidade de produção além do espaço em que abordou os problemas do seu tempo. As disposições, conexões e alianças que permite constituem sua riqueza e sua potencialidade de atualidade. (LARRAURI, 2006, p. 217).

Spinoza olha para o corpo, para as paixões, pensa a relação da imaginação e o uso da razão e estabelece o gênero da ciência intuitiva, estágio

1 Trecho do livro *O homem de Kiev* transcrito por Deleuze na apresentação do seu livro **Espinosa Filosofia Prática**. (DELEUZE, 2002, p. 7).

no qual o homem é livre.² Ao pensar sobre o corpo ele interroga: O que pode o corpo? Para um filósofo seiscentista, essa pergunta é, sem dúvida, um grande mistério, dado que muitos conhecimentos sobre o homem só ocorreram muito tempo depois. A questão levantada por Spinoza não é puramente filosófica, mas, também, científica, social, política e cultural, e tudo isso é discutido na sua obra. O que é essencial na obra do mestre é a compreensão que os corpos produzem encontros, pois a partir destes encontros surgem incontáveis mudanças no corpo e na mente. E quanto mais um corpo é modificado, mais ele se torna apto a se expor a outras mudanças e maiores são as possibilidades de interação com outros corpos. Dessa forma, o autor reconhece um novo sujeito, isto é, o sujeito ativo, produtor de novos conhecimentos, com capacidade para a invenção, capaz de produzir o novo nas diversas formas de manifestação da vida humana.

A filosofia de Spinoza é, ademais tudo que foi exposto anteriormente, estranha dentro da tradição filosófica ocidental. Propõe uma reflexão sobre o corpo, uma análise das paixões, uma unidade da imaginação com a razão; propõe em definitivo uma ética cujos imperativos estão baseados na consideração do corpo, e por isto se situa na origem de toda reflexão moderna que a partir de Nietzsche e Freud realizará uma crítica da concepção tradicional de homem e do humanismo que dele deriva. (LARRAURI, 2006, p. 219).

Ao pensar o homem na sua filosofia, Spinoza pensa o gênero humano e por isso se destaca, se coloca à frente do seu tempo. Larrauri vai explicar que a filosofia moderna a partir do século XVII “esforçou-se em descrever a constituição do sujeito sobre a base de separar a razão do instinto, os homens do resto da natureza, a alma do corpo, o espírito da matéria, a moral da vida”. (LARRAURI, 2006, p. 220). Sendo Spinoza a única exceção que pensou o homem como uma unidade. Todavia, essa ressignificação não é apenas conceitual, pois estabelece o rompimento radical com a tradição

filosófica: “Na moral tradicional quando corpo agia a alma padecia e a alma não atuava sem que o corpo padecesse. Para Spinoza o que é ação na alma é necessariamente no corpo, o que é paixão no corpo é necessariamente na alma”. (DELEUZE, 2002, p. 24).³ Dessa forma, para Spinoza, a mente e o corpo constituem-se um único e mesmo ser, isto é, não existe comando da mente sobre o corpo, nem o corpo pode determinar a mente a pensar, portanto, não pode haver sobreposição de um parte sobre a outra.

A filosofia de Spinoza se separa radicalmente da filosofia grega clássica para a qual os indivíduos são particulares porém suas essências são universais (a forma é o que importa nesta concepção) assim como se separa da filosofia cartesiana segundo a qual o mais importante segue sendo a parte imaterial do homem (sua parte racional, o espírito). Nenhuma das duas constituíam um pensamento capaz de abordar o corpo, a matéria em sua especificidade. A filosofia de Spinoza é a primeira filosofia materialista, a primeira filosofia do corpo. Logra surpreendentemente a unidade que todos os filósofos buscavam desde os pensadores pré-socráticos: seu conceito de matéria, de corpo, reelabora os conteúdos que historicamente se davam a estes termos [...] A natureza une numa única substância a *res extensa* e a *res cogitans* de Descartes: o resultado é uma ideia de corpo material, sensível, que possui em si mesmo o movimento e a vida. (LARRAURI, 2006, p. 227-228).

Percebe-se também na *Ética* de Spinoza, diferentemente da tradição filosófica, a ausência de um possível mal ou desvio de conduta da qual o ser humano precisa lutar incansavelmente e sendo constantemente constrangido à renúncia

3 “Se Espinosa revoluciona a tradição negando que o ser humano seja uma substância e um composto substancial e afirmando que o corpo é uma singularidade dinâmica e intercopórea, maior ainda é a revolução operada quanto à alma, ou o que o filósofo denomina *mens*, a mente. A tradição recebeu dois legados: o platônico, que define a alma como o piloto no navio, isto é, uma entidade alojada numa outra para comandá-la, mantendo-se a distância dessa outra que simplesmente lhe serve de morada temporária; e o legado aristotélico, que define o corpo como *órganon*, isto é, instrumento da alma, que dele se vale para agir no mundo e relacionar-se com as coisas. Estes dois legados, embora diferentes, trazem um outro, que lhes é comum: a ideia de que a alma é uma substância dotada de faculdades, isto é, funções específicas e autônomas, existente em ato potencial, que ela atualiza se dispuser das condições corporais adequadas para isto”. (CHAUI, 2011, p. 69).

2 “O homem, o mais potente dos modos finitos, é livre quando entra na posse de sua potência de agir, ou seja, quando seu *conatus* é determinado pelas ideias adequadas de onde decorrem afetos ativos, que se explicam por sua própria essência. A liberdade está sempre ligada à essência e ao que dela decorre, e não à vontade e ao que dela regula.” (DELEUZE, 2002, p. 90).

de todos os prazeres da vida. A doutrina de Spinoza é a doutrina do homem, da alegria; é a filosofia do corpo e os corpos se encontram, se afetam. “A filosofia de Spinoza se converte num canto à alegria, ao prazer de viver, na busca do riso e do rechaço ao pranto.” (LARRAURI, 2006, p. 230).

Dada a sua característica de ampliação e de aprofundamento dos temas, a filosofia de Spinoza nos serve como modelo de formação de sujeitos éticos, pois a moral na *Ética* não modifica a natureza humana, não busca produzir um homem novo por meio da repressão e da negação de si, das suas paixões, das suas vontades e dos seus desejos; não se baseia na abstinência e na recusa dos prazeres. “As filosofias que se baseiam na austeridade e na repressão querem transformar a águia em cordeiro”. (LARRAURI, 2006, p. 238). O modelo ético da filosofia de Spinoza constitui a ideia de essências particulares, portanto, não havendo nada que seja considerado inteiramente “bom” ou “mau” para todo o gênero humano. “Resta, enfim, indicar quanto o conhecimento desta doutrina é útil para a vida” (E2P49Esc). Assim, a obra de Spinoza constitui-se uma filosofia de vida que nos torna sujeitos éticos, sem modificar nossa essência ou nos tornar cativos.

O desejo forma parte da natureza e não pode mudar. O que se pode mudar é a forma de desenvolver o desejo, uma forma ativa ou uma forma passiva. E somente a forma ativa de desenvolvimento do desejo configura um sujeito ético na medida em que torna manifesto toda uma estratégia de domínio de conhecimento de si mesmo. Este modelo de formação de um sujeito ético, na medida em que não se baseia na austeridade nem na abstinência, mas sim na ampliação e no aprofundamento, não é um modelo repressivo. (LARRAURI, 2006, p. 239).

2 O SPINOZA EDUCADOR DE RABENORT

Consideramos Spinoza como educador partindo do próprio significado etimológico que a palavra carrega. Educador é uma palavra que deriva do latim *educator*, que etimologicamente significa aquele que cria. Assim, ao elaborar sua filosofia, teria sido Spinoza um educador.

Como sabemos pela biografia de Spinoza por Colerus e Lucas o mestre holandês jamais exerceu a atividade formal de professor, isto é, ministrar aulas em uma instituição regular de ensino. Sabe-se, pelas suas cartas, que tivera

alguns pupilos e que o mesmo ministrava aulas para estes. Aos amigos mais íntimos, ele aprofundava mais as questões que discutia apresentando a estes o seu pensamento mais profundo. Ao ser convidado a assumir uma cátedra em Heidelberg, a recusou⁴. A recusa da cátedra não o descaracteriza como professor, visto que o mesmo teve toda uma atividade docente, isto é, teve alunos consigo, escreveu livros, influenciou pensamentos, etc.

Dado ao caráter universal da obra de Spinoza, a contribuição da sua doutrina para a educação se encontra na possibilidade do aprimoramento do pensamento nas etapas que envolvem a criança em direção a fase adulta, nas trocas de experiências que se estabelecem na escola, na relação das crianças com a natureza, dentre tantas outras ações humanas das quais a educação tem o importante papel de orientar esse desenvolvimento. A obra de Spinoza apresenta muitas reflexões que podem ajudar no processo de desenvolvimento humano. Rabenort nos diz que o filósofo olhou para a educação como um processo natural e necessário para que o homem possa desenvolver-se em busca da perfeição; que em Spinoza se comunga com a ideia de liberdade. De onde podemos presumir que, por compreender esse caráter natural da educação como processo, Spinoza não viu a necessidade de escrever a sua pedagogia. “A educação, de acordo com a filosofia de Spinoza, deve ser compreendida e estimada através do estudo da natureza humana”. (RABENORT, 2016, p. 204).

4 “Foi neste mesmo ano que o eleitor palatino Charles-Louis, de gloriosa memória, informado da capacidade deste grande filósofo, quis atraí-lo a Heidelberg para ali ensinar a filosofia [...]. Ele lhe ofereceu em nome de seu príncipe, junto com a cátedra de filosofia, uma liberdade muito extensa de raciocinar segundo seus princípios, como julgasse mais a propósito, *cum amplissima philosophandi libertate*. Mas a esta oferta acrescentou-se uma condição que não contentava de forma alguma Spinoza; porque, de qualquer extensão que fosse a liberdade que lhe acordasse, ele não devia de forma alguma empregá-la em prejuízo da religião estabelecida pelas leis. E isto é o que parece ser a carta do doutor Fabricius, datada em Heidelberg, em 16 de fevereiro (ver *Spinozæ Oper. Posth.*, Epist. 53, p. 561N. [...]). Ele respondeu a M. Fabricius em 30 de março de 1673, e recusando cortesmente a cátedra de filosofia que lhe ofereceram. E afirma que a instrução da juventude seria um obstáculo a seus próprios estudos, e que jamais havia pensando em abraçar semelhante profissão. [...]” (COLERUS, Trad. Fragozo, p. 13 e 14, Disponível em: <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

A infância é um tema importante na filosofia de Spinoza, recebendo tratamento original e ocupando, na economia geral de seu pensamento, uma função – responder à problemática transição de todo indivíduo que, como mostra a experiência e nos informa Spinoza, não nasce livre, nem racional, mas pode tornar-se. (MERÇON, 2009, p. 13).

Em Spinoza, o conhecimento da essência é necessário para conhecer a si mesmo e conhecer o mundo. Rabenort entende que é a essência do homem que nos torna racional. A razão é, portanto, o que nos leva ao conhecimento das coisas. Nesse aspecto, a educação se torna colaboradora da razão no entendimento das coisas que nos afetam e da nossa relação com o mundo. Assim, a educação abre portas para novas relações, e quanto mais o homem é submetido aos encontros orientados para seu crescimento e emancipação, ou para usar um termo spinozano, quanto mais ele for educado para a liberdade, mais possibilidades de viver uma vida plena e feliz ele terá, pois esta é a essência do homem, o desejo de vida abundante, próspera e realizada, que, em Spinoza, se comunga com a ideia de conhecer a Deus pela potência do intelecto humano ao nível desenvolver por Ele uma amor não religioso, não um amor-temor, mas o amor intelectual.

O fato de que a essência do homem é, acima de tudo, o que o torna racional e o que faz considerar todo o esforço pela supremacia tanto física quanto mental, é o princípio mais fundamental que a filosofia tem a contribuir para a educação. (RABENORT, 2016, p. 95).

Rabenort sustenta a hipótese de que existem fragmentos no *Tratado Político* (1677) que exprimem a intenção de Spinoza escrever algo diretamente sobre a educação. Todavia, o mesmo não explicita nenhum motivo para a desistência do filósofo. O autor salienta que nada nos escritos de Spinoza é inteiramente estranho à educação. E, aprofunda mais esse entendimento com a seguinte observação: “A distinção entre a experiência e a razão, como as duas formas de consciência é a base para classificação que Spinoza dá aos processos educativos” (RABENORT, 2016, p. 183). Portanto, a consciência de que o homem é passível, constantemente, de encontros fortuitos e o entendimento das consequências desses encontros, nele e nos demais homens e nas coisas, constitui-se como uma das

contribuições pedagógicas da obra de Spinoza para a educação, na concepção de Rabenort. “Os critérios de educação implícitos na filosofia de Spinoza estão contidos na própria natureza humana. O fim para o qual o homem deve ser educado é para que ele possa exercer o seu poder ao máximo”. (RABENORT, 2016, p. 193). A filosofia de Spinoza mostra caminhos para que o homem possa criar bons encontros alegres e produtivos, emancipatórios, ou seja, encontros que gerem liberdade e não servidão pelo medo, ameaça e coisas similares.

A importância de uma filosofia como a de Spinoza associada às concepções educacionais colaboraria desde a formação acadêmica dos docentes ao aprimoramento de suas práticas educativas, pois estudantes e professores estão se relacionando reciprocamente nos seus espaços pedagógicos. Portanto, torna-se imperativo por parte dos professores compreenderem a força desses encontros em si e nos estudantes, como transpor os que são inadequados, e como melhorar as relações ético-pedagógicas com o intuito de efetivamente transformar os ambientes e as relações que possivelmente gerariam homens que não conseguem evoluir e contribuir para a formação humanística de estudantes conscientes de seu papel no mundo e das relações que o envolvem.

À medida que nos desviamos dos aspectos do corpo humano resumidos neste capítulo para uma consideração sobre o lugar do intelecto no sistema de Spinoza, é inspirador refletir sobre a sua atitude digna e até sublime, em relação às instâncias de fragilidade humana especialmente características da juventude, que deixam perplexos e irritam os professores, cuja tarefa é o controle e a disciplina, e que muitas vezes são eles próprios varridos para os vórtices da paixão pela sua incapacidade de compreender, se não para admirar, as emoções dos outros, para não dizer as suas próprias. (RABENORT, 2016, p. 127 e 128).

3 O “HOMEM SPINOZANO”

O que Spinoza afirmou continua sendo motivo de muita discussão, pois a partir do modelo euclidiano, o autor buscou demonstrar a existência e a imanência de um ente absolutamente infinito o qual chama de Deus. Compreende-se da sua filosofia que Deus não é um ente transcendente e criador, como se conceitua o Deus das grandes religiões

monoteístas, que cria as coisas da sua livre vontade ou liberalidade do seu poder, mas uma Substância (“Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido”. E1Def2) que produz tudo no Universo a partir da necessidade da natureza de sua essência: Deus é, portanto, produtor. O autor identifica este ente que é causa de si e causa de tudo com a Natureza. Assim, o filósofo cunha a célebre frase, em latim, *Deus sive Natura*, que se traduz por Deus, ou seja, a Natureza.

Deus é constituído de *natureza naturante*, que corresponde à substância e seus atributos, e *natureza naturada*, que se refere a todas as coisas produzidas no universo.⁵ A substância é formada de infinitos atributos infinitos dos quais o intelecto humano percebe apenas dois: a extensão e o pensamento. O atributo extensão é a essência produtora da matéria, isto é, dos corpos líquidos, sólidos e gasosos, ou seja, é a parte material da Natureza ou a coisa extensa (*res extensa*). O atributo do pensamento é a essência produtora da mente, das ideias, do intelecto, nela surgem as ações psíquicas do homem, é a parte não material da Natureza ou a coisa pensante (*res cogitans*). Ambos os atributos, por uma cadeia de modificações, agem, determinadamente, a fim de produzir tudo o que existe e conhecemos por via do intelecto. Os atributos, conforme a necessidade produtora de Deus se modificaram produzindo os *modos*, isto é, todas as realidades existentes no Universo. Cada *modo* é somente a realidade da mesma, única e eterna substância (Deus) e por não serem causa de si estes não são nem infinitos e nem eternos. O homem é *modo* do atributo pensamento e *modo* do atributo extensão e é constituído de corpo e mente (ou intelecto). As duas partes constituintes

5 “Antes de prosseguir, quero aqui explicar, ou melhor, lembrar, o que se deve compreender por natureza naturante e por natureza naturada. Pois penso ter ficado evidente, pelo anteriormente exposto, que por natureza naturante devemos compreender o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é (pelo corol. 1 da prop. 14 e pelo corol. 2 da prop. 17), Deus, enquanto é considerado como causa livre. Por natureza naturada, por sua vez, compreendo tudo o que se segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e que, sem Deus, não podem existir nem ser concebidas.” (SPINOZA, 2016, p. 35).

da natureza humana são, por determinação, uma só e única coisa, ou seja, um só e único indivíduo, como já comentado.

O homem se torna o resultado dos encontros que se estabelecem com os outros homens e com as demais formas concebidas. As constantes trocas que se dão na mente e no corpo por meio das interações entre as coisas produzidas formam o que Spinoza chama de afetos: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2016, p. 98). Os afetos são as afecções, ou seja, as marcas no corpo que são provocados pelos encontros fortuitos e necessários (conforme as determinações de Deus) pelos quais somos forçados a um aumento ou redução da nossa potência de existir. Dado que esses encontros se dão no corpo, a mente que é ideia do corpo, percebe essas marcas mediante as afecções que são formadas. Esta, por sua vez, também é afetada de igual modo por essas afecções, pois como se sabe tudo o que ocorre no corpo acontece, também, de igual modo, na mente.

A vida, as afecções, as paixões, as virtudes, os desejos, os apetites se relacionam na filosofia de Spinoza como “ponto de inflexão” no pensamento filosófico. Para a tradição e algumas morais que a seguiram, o homem detém uma força de ação e controle sobre suas ações, desejos e paixões, e que não poderia ser constrangido a sentir, pensar, agir, falar por nada mais que sua livre escolha e opção (livre-arbítrio). O mito do livre-arbítrio constitui-se, portanto, como a capacidade que o homem teria para dominar seus próprios pensamento e de realizar escolhas, sendo capaz de regular a sua vida e de estabelecer o seu destino. Dessa forma, o homem seria capaz de opor-se ao império das forças da natureza que agem sobre e contra ele e de controlar e modificar a sua própria natureza.

O homem é por natureza desejoso de perseverar no existir, isto é, a essência que constitui a vida humana e a vida das demais formas produzidas é *cupiditas*, ou seja, desejo de manter-se na existência. Os afetos são responsáveis por aumentar ou diminuir a nossa potência de existir (*conatus*) e são originados

a partir das afecções que são gravadas no homem a partir dos encontros. Estes podem ser ativos ou passivos. Os afetos passivos são aqueles causados pela interação com outros corpos e são as origens das paixões. Os afetos ativos surgem do esforço espontâneo da mente e são sempre ações alegres. Portanto, os afetos exercem no homem forças de dominação e servidão (paixões) ou forças de potência de agir e liberdade (razão).

É importante entendermos como se dá essa ação na mente referente ao esforço que ela faz para perseverar no agir. Spinoza diz, repetidamente, que a mente se esforça por imaginar aquelas situações que promovem sentimentos de alegria, e por conseguinte, auxiliam o corpo a perseverar no existir. E, também, a mente imagina as coisas que destroem os afetos de tristeza que diminuem a potência de agir do corpo. Assim, o filósofo conclui que as afecções que ocorrem nas coisas que o homem ama ou odeia são percebidas pela sua mente. Ela é capaz de amar aquilo que causa alegria nas coisas que se ama, e odiar aquilo que são causa de tristeza nas coisas que se ama. Por exemplo: se uma coisa afeta de alegria aquilo que determinada pessoa ama, imediatamente, esta pessoa será afetada, igualmente, pelo mesmo sentimento de alegria e será preenchida de amor por aquela coisa que afetou o objeto que ama. Se, do contrário, uma afecção causa tristeza na coisa que determinada pessoa ama, também, este, será, imediatamente, afetado de tristeza, e por conseguinte, será tomado de ódio pela aquela coisa que causou tristeza no objeto que ama. No entanto, se determinada coisa afeta de tristeza o que uma pessoa odeia o resultado é que esta pessoa será afetada de alegria, e conseqüentemente, se encherá de amor por aquilo que causa tristeza no que odeia. Disto, se percebe que “a relação originária da mente com o seu corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva” (CHAUI, 2011, p. 81). Spinoza ao observar as relações humanas percebeu esse parâmetro comportamental que é próprio da natureza humana. E percebeu, também, estes desdobramentos que a mente humana realiza como um guardião, ou sentinela, sempre pronta e sempre buscando o aumento do seu *conatus*, isto é, busca um modo de perseverar a si e o corpo na existência. Dessa forma,

conclui Spinoza, que a mente enquanto ideia do corpo só existe enquanto o corpo existe. Assim, o homem é constantemente afetado de vários sentimentos de alegria ou tristeza (e dos sentimentos que derivam destes)⁶ e afetado também quando as coisas que ama ou odeia são afetadas diretamente que afetam diretamente.

As afecções do corpo e as ideias das afecções na mente não são representações cognitivas desinteressadas e fragmentadas. Se o fossem, seriam apenas experiências dispersas e sem sentido. São modificações da vida do corpo e significações psíquicas dessa vida corporal, fundadas no interesse vital que, do lado do corpo, o faz mover-se (afetar e ser afetado por outros corpos) e, do lado da mente, o faz pensar. Qual é o interesse vital? A existência e tudo quanto contribua para mantê-la. (CHAUI, 2011, p. 80).

A proposta de Spinoza na terceira parte da *Ética* é que a partir do conhecimento da genealogia da natureza dos afetos e do poder que a mente possui para compreendê-los e regulá-los o homem possa buscar apenas os afetos positivos, isto é, aqueles que aumentem seu desejo de existência. Sem esse conhecimento, possivelmente, o homem continuará preso ao mito que ele detém em si o poder de escolha e podendo conduzir-se por si mesmo ao caminho da felicidade.⁷ Portanto, a doutrina dos afetos de Spinoza constitui-se, antes de tudo, uma alternativa para o homem tornar-se egresso do cativeiro da servidão para a liberdade pela via do uso da razão e do conhecimento.

CONCLUSÃO

Spinoza deixou um legado para diversos pensadores que o sucederam e sua obra se perpetua através destes filósofos que, de certa maneira, tornaram o seu pensamento mais acessível com o desenvolvimento de novas linhas de entendimento a partir dos escritos spinozanos. Evidentemente, na obra de Spinoza não existe um tratado direcionado exclusivamente à educação, porém busca conhecer o gênero humano. Dessa

6 Spinoza define a alegria, a tristeza e o desejo como afetos primários e que a partir destes são derivados todos os outros afetos. (E3P11ESC).

7 Não seria possível neste artigo desenvolvermos toda a teoria dos afetos e explicar como a mente pode regulá-los e nem como produz os afetos ações. Em nossa pesquisa de mestrado, cujo título é *Convergências possíveis entre ética e educação na teoria dos afetos de Benedictus de Spinoza* trataremos desse tema mais detalhadamente.

forma, a compreensão do homem é um processo de educação. “E desde que Spinoza não dá um tratamento sistemático ou explícito da educação, nossa tarefa envolve a construção da teoria da educação que está implicada na sua filosofia.” (RABENORT, 2016, p. 75).

Os encontros produtivos e alegres como uma boa aula, um ambiente acolhedor na escola, etc. são importantes pois elevam a potência de existir dos professores e estudantes. Já os encontros que produzem dor e sofrimento reduzem essa potência. A busca dos encontros alegres, das relações que produzam o aumento da potência de existir é o que os educadores e estudantes devem, obstinadamente, perseguir a fim de que o corpo e mente estejam impregnados desses bons afetos para a manutenção do *conatus*.

Portanto, dado que a interação entre corpos é um imperativo da vida humana, a compreensão de como o homem é afetado, quais são as consequências das paixões e como produzir os afetos alegres constituem-se bases teórico-filosóficas para a formação de sujeitos éticos-afetivos à luz da teoria spinozista dos afetos. Os estudos de Spinoza podem ser utilizados como base de fundamentação para uma teoria da educação que oriente as relações “ético-afetivas” entre professor-aluno, aluno-aluno, a partir da concepção de que quanto mais bons encontros maior a “alegria pedagógica”. Em síntese, significa que quanto mais os sujeitos escolares são afetados positivamente maiores serão as suas possibilidades de obterem sucesso escolar, pessoal e profissional.

Conclui-se o presente artigo com o intuito de realizar associações com os diversos estudiosos de Spinoza e apaixonados pela educação, afim de que coletivamente se possa refletir o legado de Spinoza e dos spinozanos e propor novas linhas de ações pedagógicas com vistas no processo formativo dos professores e ao desenvolvimento das crianças e adolescentes para a produção de homens da liberdade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COLERUS, Jean. **Vida de Spinoza**. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Disponível em: <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica de Eduardo D. B. de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.

LARRAURI, Maite. *Spinoza e as Mulheres*. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. **Kalagatos** – Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. Fortaleza-CE, v. 3, verão 2006 – Número Temático: A Filosofia e as Mulheres, p. 209-244.

LUCAS, Jean Maximilian. **A Vida e o espírito do senhor Benoit de Spinoza**. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Disponível em: <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-lucas.html>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

MERÇON, Juliana. **Aprendizado ético-afetivo: uma leitura spinozana da educação**. Campinas-SP: Alínea, 2009.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia de. **O lugar da educação na Filosofia de Espinosa**. Campinas-SP: [s.n], 2008.

RABENORT, William Louis (1870-1938). **Spinoza como educador**. Pref. Juliana Merçon; introd. trad. brasileira Fernando Bonadia de Oliveira; tradução para o português GT Benedictus de Spinoza; coordenação Emanuel Angelo da Rocha Fragoso/Francisca Juliana Barros Sousa Lima. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016.

SPINOZA, Benedictus de (1632-1677). **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. Ed. 11. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

ULPIANO, Claudio. **Pensamento e liberdade em Spinoza**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oBDEZSx6xVs&t=12s>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

